

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

THAÍS SOUZA VASCONCELOS

**PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE GESTÃO DE MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS DE UBERLÂNDIA ACERCA DA UTILIZAÇÃO DOS INDICADORES
ECONÔMICO-FINANCEIROS**

**UBERLÂNDIA
JULHO DE 2024**

THAÍS SOUZA VASCONCELOS

**PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE GESTÃO DE MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS DE UBERLÂNDIA ACERCA DA UTILIZAÇÃO DOS INDICADORES
ECONÔMICO-FINANCEIROS**

Artigo acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

**Orientador(a): Profa. Dra. Mônica
Aparecida Ferreira**

**UBERLÂNDIA
JULHO DE 2024**

THAÍS SOUZA VASCONCELOS

**Percepção dos profissionais de gestão de micro e pequenas empresas de Uberlândia
acerca da utilização dos indicadores econômico-financeiros**

Artigo acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Mônica Aparecida Ferreira – UFU
Orientadora

Blind Review

Blind Review

Uberlândia (MG), 05 julho de 2024

RESUMO

No Brasil, as micro e pequenas empresas são parte relevante na economia do país, porém são assoladas pela mortalidade empresarial em virtude de aspectos como falta de preparação profissional, má gestão e dificuldade de planejamento. Logo, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar a percepção dos profissionais de gestão de micro e pequenas empresas em relação à aplicação dos indicadores econômico-financeiros como ferramenta de gestão no cotidiano empresarial. Assim, o estudo se categoriza como descritivo e qualitativo, junto a utilização da metodologia de levantamento para coleta dos dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Para tal coleta, utilizou-se uma amostra composta por trinta e oito micro ou pequenas empresas, cujos profissionais de gestão foram os respondentes do questionário. Como resultado geral, percebeu-se que os indicadores econômico-financeiros mais conhecidos e aplicados pelos respondentes são os de liquidez em geral e de endividamento, sendo estes utilizados em tomadas de decisões como controle de caixa, captação de novos investimentos e expansões. Por fim, com a presente pesquisa identificou-se uma lacuna na oferta dos serviços contábeis ofertados pelos escritórios, além de reafirmar a relevância dos indicadores econômico-financeiros para a tomada de decisão e incentivar o tratamento desse assunto em instituições educacionais. Desta forma, os resultados encontrados podem contribuir com o aumento do portfólio dos escritórios contábeis e incentivar as discussões acerca de ferramentas de gestão aplicadas ao contexto de micro e pequenas empresas no Brasil.

Palavras-Chave: Mortalidade Empresarial. Indicadores Econômico-Financeiros. Gestão. Micro e Pequenas Empresas.

ABSTRACT

In Brazil, micro and small companies are an important part of the country's economy, but they are plagued by business mortality due to aspects such as lack of professional preparation, poor management and difficulty in planning. Therefore, the objective of this research is to identify the perception of micro and small business management professionals in relation to the application of economic-financial indicators as a management tool in everyday business life. Thus, the study is categorized as descriptive and qualitative, along with the use of survey methodology to collect the data necessary for the development of the research. For this collection, a sample composed of thirty-eight micro or small companies was used, whose management professionals were the respondents of the questionnaire. As a general result, it was noticed that the economic-financial indicators best known and applied by respondents are liquidity in general and debt, which are used in decision-making such as cash control, attracting new investments and expansions. Finally, this research identified a gap in the supply of accounting services offered by offices, in addition to reaffirming the relevance of economic-financial indicators for decision-making and encouraging the treatment of this subject in educational institutions. In this way, the results found can contribute to increasing the portfolio of accounting offices and encourage discussions about management tools applied to the context of micro and small companies in Brazil.

Keywords: Business Mortality. Economic-Financial Indicators. Management. Micro and Small Companies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEM: *Global Entrepreneurship Monitor*

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MPE: Micro e Pequenas Empresas

ROI: Retorno sobre Investimento Total

ROE: Retorno sobre o Patrimônio Líquido

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Indicadores de Liquidez.....	05
Quadro 2 – Indicadores de Endividamento.....	06
Quadro 3 – Indicadores de Rentabilidade.....	07

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características Demográficas dos Respondentes.....	12
Tabela 2 - Setor de Atividade e Conhecimento dos Indicadores Econômico-Financeiros..	13
Tabela 3 - Nível de Conhecimento e Aplicação dos Indicadores Econômico-Financeiros..	14
Tabela 4 - Indicadores Utilizados e Tomada de Decisões.....	16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
2.1 Contabilidade Gerencial e Micro e Pequenas e Empresas (MPEs)	3
2.2 Indicadores Econômico-Financeiros.....	4
2.2.1 Indicadores de Liquidez	4
2.2.2 Indicadores de Endividamento.....	6
2.2.3 Indicadores de Rentabilidade	7
2.3 Aplicação dos Indicadores no Processo Decisório	7
3 METODOLOGIA.....	10
3.1 Classificação da Pesquisa	10
3.2 Coleta e Tratamento de Dados.....	10
4 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	12
4.1 Análise Descritiva.....	12
4.2 Nível de Conhecimento e Aplicação dos Indicadores Econômico-Financeiros..	13
4.3 Utilização e Direcionamento dos Indicadores Econômico-Financeiros	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo uma pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor* – (GEM) 2019/2020, o percentual de empreendedores em relação a sociedade adulta, no ano de 2019, foi de 38,7%. Além disso, Onozato *et al.* (2020), citaram a facilitação da abertura de empresas como um incentivo ao empreendedorismo, opção escolhida por 11,4% dos brasileiros entrevistados. Desta forma, Onozato *et al.* (2020) demonstraram que as expectativas para o ano de 2020 apresentavam um aumento de 15%, identificando um futuro crescimento do empreendedorismo no Brasil.

Segundo um estudo realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) (2021), entre os anos 2016 e 2020, a quantidade de Micro e Pequenas Empresas (MPEs) aumentou em 15% e 52%, respectivamente. Além disso, os pequenos negócios, conhecidos como microempreendedores individuais e MPEs, representam 30% do PIB brasileiro, 99% das empresas cadastradas e são responsáveis por 72% dos novos empregos nos primeiros seis meses de 2022 (SEBRAE, 2022).

Ademais, foi realizado um estudo acerca da mortalidade empresarial no Brasil, cujos resultados demonstraram que 21,6% das microempresas e 17% das de pequeno porte encerram as atividades após 5 anos de funcionamento (Guerra, 2021). Dentre os motivos que podem ocasionar essa falência, tem-se a falta de capacitação profissional e a dificuldade na gestão e planejamento empresariais (Guerra, 2021). Entretanto, segundo Tisott *et al.* (2022) dentre os instrumentos capazes de minimizar a má gestão empresarial nas MPEs, tem-se a contabilidade consultiva, por possibilitar a interpretação efetiva da informação contábil e identificação de problema, a ponto de guiar a tomada de decisão do profissional de gestão, diminuindo as chances de mortalidade precoce das micro e pequenas empresas.

Segundo Manoel, Matus e Nasu (2023), é relevante que os gestores analisem a situação econômico-financeira das MPEs, com a utilização dos índices de liquidez, endividamento e rentabilidade para possibilitar a reversão de situações negativas e alcançar a lucratividade máxima. Ademais, Fernandes (2017) afirma que os indicadores econômico-financeiros são influentes para o processo de gestão empresarial, pois possibilitam a análise do passado e a projeção do futuro, auxiliando na tomada de decisões. Contudo, segundo Manoel, Matus e Nasu (2023), os indicadores podem apresentar comportamentos diferentes nas MPEs quando comparados a grandes empresas, por estas possuírem maior habilidade em análise das informações contábeis.

Nesse sentido, surge a seguinte questão norteadora da pesquisa: Qual a percepção do profissional de gestão de micro e pequenas empresas sobre a utilização dos indicadores econômico-financeiros como ferramenta de gestão? Para a presente pesquisa, adotou-se como indicadores econômico-financeiros, os índices de rentabilidade, endividamento e liquidez. Logo, o objetivo geral é identificar a percepção dos profissionais de gestão de micro e pequenas empresas em relação à aplicação dos indicadores econômico-financeiros como ferramenta de gestão.

Assim, tem-se como objetivos específicos verificar o conhecimento dos profissionais de gestão acerca dos indicadores econômico-financeiros, averiguar quais indicadores são utilizados e analisar em quais decisões estratégicas os índices de rentabilidade, endividamento e liquidez são aplicados.

Deste modo, o trabalho se justifica pela relevância em estudar as MPEs, por representarem 30% do PIB Nacional e prover novos empregos nos primeiros seis meses de 2022 (SEBRAE, 2022). Ademais, segundo Guerra (2021) as micro e pequenas empresas são alvo da mortalidade empresarial, por motivos como falta de planejamento, gestão e capacitação profissional. Logo, a pesquisa pode subsidiar os profissionais de gestão na compreensão, relevância e melhoramento da aplicação de indicadores econômico-financeiros na tomada de decisões.

Espera-se que essa pesquisa contribua com a possibilidade de apontar um possível aumento do portfólio de serviços contábeis que ofereçam maior número de informações financeiras. Além de demonstrar a importância dos indicadores econômico-financeiros nas tomadas de decisões de micro e pequenas empresas, visando incentivar a adoção, por parte do público empresarial, de uma rotina de gestão com visão de longo prazo. Por fim, aumentar as discussões teóricas e práticas sobre a temática em diversos âmbitos, como faculdade, escolas e fundações, com o intuito de proporcionar aos profissionais de gestão melhor conhecimento, na prática, da aplicação dos indicadores econômico-financeiros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, são apresentados, estudos científicos que abordam temas relacionados aos conceitos de contabilidade empresarial, micro e pequenas empresas e indicadores econômico-financeiros, a fim de fornecer embasamento teórico para o desenvolvimento da presente pesquisa.

2.1 Contabilidade Gerencial e Micro e Pequenas e Empresas (MPEs)

A Contabilidade é vista por Oyadomari *et al.* (2018) como um instrumento imprescindível para se estabelecer o controle de uma empresa. Será a partir da aplicação da contabilidade que as informações serão apuradas, escrituradas e analisadas de forma adequada para se tornar possível o gerenciamento da organização.

Além disso, segundo Iudícibus (2020), dentre as diversas áreas da contabilidade, tem – se a contabilidade gerencial, entendida como um assunto complexo para se tratar com textos e livros. Visto que sua aplicabilidade pode ser influenciada pelo nível de conhecimento e habilidades dos profissionais de gestão acerca dos conceitos e instrumentos disponíveis (Iudícibus, 2020).

Desta forma, percebe-se que o conceito de “contabilidade gerencial” é presente quando se trata de aspectos de controle organizacional, gerenciamento de informações e análise de dados. Assim, é preciso compreender este termo para a realização da presente pesquisa. Portanto, “contabilidade gerencial é o ramo da contabilidade que tem por objetivo fornecer instrumentos aos administradores de empresas que os auxiliem em suas funções gerenciais” (Crepaldi; Crepaldi, 2017, p. 7).

Logo, de acordo com Santos, Dorow e Beuren (2016), a contabilidade gerencial é uma ferramenta relevante para todo tipo de empresa, principalmente para as micro e pequenas empresas, sendo imprescindível para a continuidade do negócio. Ademais, Callado e Mello (2018) defendem a contabilidade gerencial como um artefato favorável às mudanças constantes das MPEs, por disponibilizar informações contábeis para a tomada de decisão.

Segundo Brasil (2006), as MPEs são classificadas segundo a receita operacional bruta apresentada durante o exercício social, normalmente conhecido como o prazo de um ano. Assim, de acordo com Brasil (2006), as microempresas se limitam às empresas que auferem receita bruta entre R\$ 81.000,01 (oitenta e um mil reais e um centavo) e R\$ 360.000,00

(trezentos e sessenta mil reais). Enquanto as de pequeno porte são aquelas que obtiveram receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais), porém igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais) (Brasil, 2006).

Além disso, de acordo com o SEBRAE (2013), os pequenos negócios podem ser categorizados com base no número de empregados. Assim, segundo o SEBRAE (2013) as microempresas são constituídas por até 19 funcionários no setor de indústrias e 9 funcionários nos setores de comércio e serviços. Enquanto, as empresas de pequeno porte são compostas por 20 a 99 empregados quando pertencente à esfera industrial e de 10 a 49 trabalhadores quando comércio ou prestadora de serviço (SEBRAE, 2013). Cabe ressaltar que para a presente pesquisa adotou-se como critério de enquadramento como micro e pequena empresa o faturamento conforme Brasil (2006).

2.2 Indicadores Econômico-Financeiros

Martins, Miranda e Diniz (2018, p. 105) afirmam que “índices são relações entre contas das demonstrações contábeis utilizados pelo analista para investigar a situação econômico-financeira de uma entidade”. Assim, os indicadores econômico-financeiros que são abordados, durante o desenvolvimento da pesquisa, são aqueles mais utilizados, os índices de liquidez, endividamento e rentabilidade.

2.2.1 Indicadores de Liquidez

Segundo Martins, Miranda e Diniz (2018), os índices de liquidez representam a capacidade da empresa em quitar suas dívidas utilizando seus recursos. Assim, de acordo com o ponto de vista de Martins, Miranda e Diniz (2018) há os índices de liquidez corrente, imediata, seca e geral. Sendo abordados, nos cálculos, os grupos do balanço patrimonial, como ativo e passivo de curto e longo prazo e seus subgrupos, como estoque, disponível, realizável a longo prazo e despesas antecipadas (Martins; Miranda; Diniz, 2018).

O índice de liquidez corrente, de acordo com Iudícibus (2017), relaciona os ativos de curto prazo dispostos pelas empresas com as obrigações de curto prazo obtidas. Logo, é considerado o indicador mais adequado para identificar a liquidez empresarial (Iudícibus, 2017).

Segundo Martins, Miranda e Diniz (2018) o índice de liquidez imediata se tangencia para os grupos de alta liquidez, sendo eles o caixa, bancos e aplicações de curto prazo. Assim,

são relacionados com o passivo circulante, afim de verificar qual percentual das dívidas consegue ser pago apenas com esses recursos de maior liquidez (Martins; Miranda; Diniz, 2018).

O índice de liquidez seca, segundo Martins, Miranda e Diniz (2018), é semelhante ao de liquidez corrente, porém se diferencia ao desconsiderar as contas de estoques e despesas antecipadas do grupo do ativo circulante. Visto que os estoques apresentam maior risco de furto, se tornarem obsoletos e serem mal mensurados, fatores que podem influenciar no resultado encontrado (Martins; Miranda; Diniz, 2018).

Ademais, de acordo com Iudícibus (2017), o índice de liquidez geral apresenta uma visão mais ampla da liquidez, pois retrata a saúde financeira da empresa em um cenário além do curto prazo, por ser resultado da interação entre os grupos de ativo e passivo tanto do curto prazo, quando do longo prazo.

Desta forma, observa-se que os indicadores de liquidez, apresentados no Quadro 1, auxiliam a compreender se a organização possui recursos suficientes para suprir seus passivos, sendo essa análise relevante para discussões acerca da possibilidade e necessidade de assumir determinados compromissos financeiros.

Quadro 1 – Indicadores de Liquidez

Corrente	=	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
Seca	=	$\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques} - \text{Despesas Antecipadas}}{\text{Passivo Circulante}}$
Imediata	=	$\frac{\text{Caixa e Equivalentes de Caixa}}{\text{Passivo Circulante}}$
Geral	=	$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}}$

Fonte: Adaptado de Martins; Miranda; Diniz (2018)

Pereira *et al.* (2020) abordam a ideia de que há determinados aspectos possíveis de influenciar, negativamente, na liquidez de micro e pequenas empresas. Para isso, foram feitas entrevistas com empresários sobre análise de fluxo de caixa, controle de capital de giro, fluxos de caixa e operacional. Logo, Pereira *et al.* (2020) concluíram que situações como ciclo de caixa baixo, não possuir capital de giro, falta de gerenciamento e planejamento empresarial são

propícias a causar problemas na liquidez das MPEs, podendo ocasionar até a mortalidade destas. Isso reforça a importância dos indicadores para a gestão de MPEs.

2.2.2 Indicadores de Endividamento

Segundo Marion (2019), os índices de endividamento, representados no Quadro 2, são utilizados para identificar a origem das dívidas, isto é, verificar se são oriundas de terceiros como bancos, ou de proprietários e acionistas.

Nesse sentido, Marion (2019) atribuí ao índice de endividamento o papel de calcular a representação do passivo (recurso de terceiros) em relação ao patrimônio líquido (recurso próprio). Normalmente, o esperado é que quanto menor o índice de endividamento, melhor para a empresa. Entretanto, segundo Martins, Miranda e Diniz (2018), é preciso considerar a composição do endividamento, visto que o custo de captação de recursos é um ponto a ser observado, para concluir se o valor encontrado é vantajoso ou prejudicial para a empresa (Martins; Miranda; Diniz, 2018).

Desta forma, seguindo o ponto de vista de Martins, Miranda e Diniz (2018), tem-se o índice de composição de endividamento, que possibilita essa verificação da estruturação das dívidas, onde se considera apenas o passivo circulante em contrapartida com o patrimônio líquido, reconhecendo a participação do curto prazo do patrimônio da empresa.

Quadro 2 – Indicadores de Endividamento

Endividamento	=	$\frac{\text{Passivo Total}}{\text{Patrimônio Líquido}}$
Composição do Endividamento	=	$\frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Capitais de Terceiros}}$

Fonte: Adaptado de Martins, Miranda e Diniz (2018)

Santos, Ferreira e Faria (2009) identificaram que a maior parte das micro e pequenas empresas, da cidade de Viçosa/MG, optam por empréstimos de curto prazo em virtude de terem receio com dívidas de longo prazo. Ademais, identificou-se que o despreparo e desleixo em planejar a captação de recursos afetam, negativamente, o capital de giro, o fluxo de caixa e, conseqüentemente, aumentam o risco de a empresa não ser capaz de arcar com as dívidas adquiridas (Santos; Ferreira; Faria, 2009). Assim, aperfeiçoar o gerenciamento por parte dos índices de endividamento auxilia na estruturação do capital e na escolha das formas de financiamento dos ativos das MPEs (Santos; Ferreira; Faria, 2009).

2.2.3 Indicadores de Rentabilidade

Seguindo a visão adotada por Assaf Neto (2020), os índices direcionados à rentabilidade da empresa, expressos no Quadro 3, buscam analisar se os resultados obtidos por ela estão em concordância com a potencialidade e dimensão da empresa. Logo, dentre os índices expostos por Assaf Neto (2020), são trabalhados os seguintes indicadores de rentabilidade: Retorno sobre Investimento Total (ROI) e Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE). O primeiro é utilizado para demonstrar qual foi o retorno obtido com a aplicação do total de recursos investidos na empresa e o segundo para identificar qual o ganho por parte capital próprio inserido na empresa (Assaf Neto, 2020).

Quadro 3 – Indicadores de Rentabilidade

ROI	=	$\frac{\text{Lucro Operacional Líquido (Ajustado)}}{\text{Investimento}}$	x 100
Giro do Ativo	=	$\frac{\text{Receitas Líquidas}}{\text{Investimento}}$	
Margem Líquida	=	$\frac{\text{Lucro Operacional Líquido (Ajustado)}}{\text{Investimento}}$	x 100
ROE	=	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido (Inicial)}}$	x 100

Fonte: Adaptado de Martins, Miranda e Diniz (2018)

Ademais, Martins, Miranda e Diniz (2018) reforçam a importância dos indicadores de rentabilidade quanto a representação da situação econômica da empresa, além de possibilitar comparações do percentual de rentabilidade da empresa com o percentual apresentado pelo setor econômico em que ela está inserida.

2.3 Aplicação dos Indicadores no Processo Decisório

Souza e Qualharini (2007) abordaram acerca do planejamento estratégico nas micro e pequenas empresas, com o objetivo de incentivar a aplicação da metodologia do planejamento nesse tipo de organização, adotando uma abordagem mais teórica e literária. Desta forma, a presente pesquisa torna-se relevante à medida que busca complementar a análise teórica dos aspectos de gestão com a prática do dia a dia empresarial. Além disso, é realizada uma aplicação numa perspectiva direcionada mais ao profissional de gestão da empresa, do que à empresa em si, identificando como a teoria de gestão e planejamento é compreendida e aplicada ao cotidiano por esses profissionais.

Santos *et al.* (2009) identificaram quais os instrumentos gerenciais eram utilizados na contabilidade de micro e pequenas empresas da cidade Presidente Getúlio/SC por meio de questionários e entrevistas dos empresários junto aos escritórios responsáveis pela contabilidade das empresas. Assim, os autores observaram que os escritórios, em grande parte, não disponibilizavam os instrumentos gerenciais para seus clientes. Por outro lado, estes também não apresentavam interesse no assunto, pois se sentiam confiantes acerca de gestão empresarial por possuírem experiência nessa área, visto que a maioria das organizações analisadas existiam há mais de 10 anos (Santos *et al.*, 2009).

Entretanto, o estudo de Santos *et al.* (2009) foi feito em uma cidade pequena, cuja população, segundo o último censo realizado era de 14.887 indivíduos, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,759 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Com a finalidade de verificar se os mesmos resultados são encontrados, a presente pesquisa é realizada em Uberlândia/MG, local que possui diferença no tamanho populacional e nível de desenvolvimento, visto que apresentou uma população de 604.013 habitantes e um IDH de 0,789 de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

Além disso, a pesquisa de Santos *et al.* (2009) foi realizada em 2009, isto é, há quatorze anos. Assim, segundo Araújo *et al.* (2014), com a adoção das normas internacionais de contabilidade, decretada pela Lei 11.638/2007 a partir de 2008, as contabilidades financeira e gerencial passaram a se interrelacionarem com maior facilidade diante da necessidade de informações. Com isso, no ano de 2009, data próxima à adoção, este comportamento era algo novo, logo espera-se que com essa mudança de hábito das empresas, nos dias de hoje, sejam encontrados resultados diferentes dos achados pelos autores Santos *et al.* (2009).

Nessa mesma perspectiva, Silva, Hora e Machado (2020) realizaram uma pesquisa acerca da análise dos indicadores de rentabilidade e os efeitos da sua utilização, com o objetivo de compreender a influência destes na gestão empresarial. O estudo foi executado em uma organização simulada, Semsunga, pelo método de jogo de empresas. Assim, Silva, Hora e Machado (2020) concluíram que os indicadores de rentabilidade foram relevantes quanto à informação por auxiliarem na tomada de decisões e entendimento dos resultados empresariais.

Desta forma, com a presente pesquisa, pretende-se avançar na literatura apresentada por buscar abranger maior gama de indicadores, pois são abordados também os índices de endividamento e liquidez, além de apresentar resultados mais relevantes e fidedignos. Ademais, almeja-se obter maior contato com os profissionais de gestão das empresas, isto é, maior proximidade com a realidade.

Em um estudo de Manoel, Matos e Nasu (2023) foram analisados os indicadores econômico-financeiros das MPEs por meio dos balanços patrimoniais disponibilizados por um escritório contábil no Distrito Federal. Percebeu-se alto grau de endividamento e prejuízos correntes, embora os índices de liquidez demonstraram ser positivos, em virtude da não interpretação correta das informações e falta de análise dos indicadores de endividamento e rentabilidade, sujeitando os dirigentes a cenários ilusórios (Manoel; Matos; Nasu, 2023). Assim, esta pesquisa complementarará o estudo no sentido de comprovar se os indicadores de endividamento e rentabilidade são utilizados pelos profissionais de gestão e, caso sejam, em quais tomadas de decisão.

Sabe-se que dentro do âmbito de gestão empresarial, tem-se diferentes artefatos gerenciais e indicadores que podem auxiliar na tomada de decisão (Assunção *et al.*, 2022), dentre eles há os indicadores econômico-financeiros que podem trazer diagnósticos importantes para a saúde econômico-financeira de empresas (Martins; Miranda; Diniz, 2018) e por isso são analisados nesta pesquisa. Em síntese, diante de todos os conceitos e trabalhos referenciados anteriormente, a presente pesquisa busca a compreensão de como os profissionais de gestão consideram e aplicam os indicadores econômico-financeiros, relacionando-os com a gestão empresarial.

3 METODOLOGIA

Nesse tópico, é apresentada a classificação da pesquisa, em relação à abordagem, objetivos e procedimentos adotados. Além disso, é descrito o desenvolvimento de outros aspectos metodológicos da pesquisa, como a construção do questionário aplicado, procedimentos de coleta e análise de dados.

3.1 Classificação da Pesquisa

Segundo Pereira (2016), na pesquisa descritiva o autor observa e descreve informações acerca de uma amostra populacional. Assim, a partir dos objetivos, o estudo se classifica como descritivo, visto que é analisada a percepção dos profissionais de gestão de micro e pequenas empresas acerca dos instrumentos econômico-financeiros e busca descrever os principais resultados encontrados a partir da amostra analisada.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 113) a pesquisa qualitativa é a “sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório”. Além disso, Prodanov e Freitas (2013, p. 113) afirmam que “a análise qualitativa depende de muitos fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”.

Desta forma, a pesquisa, quanto ao problema, se identifica como qualitativa, pois são coletados dados sobre o comportamento dos profissionais de gestão frente aos indicadores econômico-financeiros e a gestão empresarial, sem abordagem da estatística.

Por fim, seguindo a perspectiva de Marconi e Lakatos (2022), o levantamento busca compreender os comportamentos de determinado público, explorando o aspecto que se deseja estudar. Desse modo, é utilizado o método de levantamento por meio da aplicação de questionários (*survey*), com perguntas direcionadas à solução da problemática da pesquisa, para os profissionais de gestão de MPEs da cidade de Uberlândia/MG. Além disso, realizou-se o pré-teste com *feedbacks* de três alunos de mestrado e doutorado da própria Universidade Federal de Uberlândia, os quais apontaram alterações e sugestões de melhorias no questionário para que os dados coletados de fato pudessem atingir os objetivos da pesquisa.

3.2 Coleta e Tratamento de Dados

O questionário aplicado foi desenvolvido no *Google Forms* e composto no total por doze perguntas, sendo cinco sobre aspectos demográficos dos respondentes, como idade, sexo, escolaridade, cargo e tempo de profissão. Ademais, foram criadas sete perguntas em relação a gestão empresarial, o conhecimento do profissional de gestão sobre indicadores econômico-financeiros e sua aplicação na tomada de decisão. Logo, o questionário foi direcionado aos profissionais de gestão das empresas, diversificando em cargos como gestor, diretor, coordenador, proprietário e auxiliar, sendo um respondente para cada empresa.

Além disso, para a coleta de dados foi utilizado um banco de informações disponibilizado por um escritório de contabilidade situado em Uberlândia, totalizando em duzentos e setenta e cinco empresas. Assim, foi analisada a receita bruta anual de 2022 de cada empresa presente na lista, discriminando, a partir disso, quais delas se enquadravam no conceito de MPEs, sendo consideradas como microempresas aquelas que apresentarem faturamento de R\$ 81.000,01 a R\$ 360.000,00, e as de pequeno porte aquelas que obtiveram receita bruta de R\$ 360.000,00 a R\$ 4.800.000 (Brasil, 2006). Sendo assim, 68 foram consideradas de médio e grande porte e 111 não apresentaram faturamento em 2022, por motivos como abertura do CNPJ no ano de 2023 e não movimentação fiscal no ano de 2022, logo foram desconsideradas para análise. Portanto, as MPEs do banco fornecido pelo escritório totalizaram 96 empresas possíveis para serem alvos da pesquisa.

Dentre essas empresas classificadas como MPEs, duas não são situadas em Uberlândia e 22 foram retiradas da lista pela própria proprietária do escritório, justificando serem empresas de difícil comunicação, sendo assim totalizaram 72 MPEs como potenciais respondentes da pesquisa. Foram contatadas, via telefone ou WhatsApp, 72 empresas, das quais 15 não demonstraram interesse na pesquisa e 57 autorizaram o envio do questionário por e-mail. Entretanto, dentre cinquenta e sete e-mails enviados, obteve-se trinta e oito respostas efetivas do questionário, sendo a base analítica para a análise de dados. Ou seja, das 72 MPEs, aproximadamente 53% participaram como respondentes da pesquisa.

Por fim, a análise de dados inicial será feita acerca das características dos respondentes, junto a classificação do setor de atividade na qual as empresas selecionadas atual. Junto a isso, tem – se a análise tanto dos níveis de conhecimento e aplicação dos indicadores, quanto da utilização e direcionamento destes em relação a tomada de decisões.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesse tópico, será feita a análise dos resultados obtidos com a aplicação do questionário aos profissionais de gestão de MPEs. Assim, as respostas serão segregadas em tabelas afim de compreender as características dos respondentes, além das demográficas, quanto ao nível de conhecimento, aplicação e relevância dos indicadores econômico-financeiros.

4.1 Análise Descritiva

Na Tabela 1, são apresentadas as características dos respondentes do questionário, sendo estes classificados de acordo com aspectos demográficos como sexo, idade, cargo, tempo de ocupação e escolaridade.

Tabela 1 - Características Demográficas dos Respondentes

Características		Dados	Em %
Cargo Profissional	Diretor	14	36,84%
	Gestor	5	13,16%
	Coordenador	3	7,89%
	Proprietário	7	18,42%
	Auxiliar Administrativo	1	2,63%
	Auxiliar Financeiro	4	10,53%
	Auxiliar de Escritório	1	2,63%
	Secretária	1	2,63%
	Tesoureira	1	2,63%
	Gerente	1	2,63%
	Total	38	100%
Tempo de Ocupação	De 0 a 5 anos	18	47,37%
	De 6 a 10 anos	11	28,95%
	Mais de 10 anos	9	23,68%
	Total	38	100%
Idade	18 a 23 anos	1	2,63%
	24 a 29 anos	5	13,16%
	30 a 35 anos	11	28,95%
	36 a 41 anos	6	15,79%
	Mais de 42 anos	15	39,47%
	Total	38	100%
Sexo	Feminino	20	52,63%
	Masculino	18	47,37%
	Total	38	100%
Escolaridade	Ensino Superior Completo	14	36,84%
	Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> (Especialização e/ou MBA)	10	26,32%
	Ensino Médio Completo	7	18,42%
	Ensino Superior Incompleto	4	10,53%
	Ensino Fundamental Completo	1	2,63%

Ensino Médio Incompleto	1	2,63%
Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> (Mestrado e/ou Doutorado)	1	2,63%
Ensino Fundamental Incompleto	0	0,00%
Total	38	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Na totalidade dos respondentes, os cargos de maior presença são os de diretor, proprietário e gestor, sendo 36,84%, 18,42% e 13,16% respectivamente. Em relação ao tempo de ocupação, 47,37% trabalham na empresa de 0 a 5 anos, 28,95% de 6 a 10 anos e 23,68% a mais de 10 anos. A idade dos participantes se predomina na faixa etária de mais de 42 anos, representado por 39,47% dos indivíduos, sendo a de menor participação de 18 a 23 anos. Dentre as 38 pessoas que responderam ao questionário, 51% se identificam com o gênero feminino e 49% com o gênero masculino. Por fim, 36,84% dos respondentes apresentam ensino superior completo, 26,32% fizeram pós-graduação lato sensu, 18,42% possuem ensino médio completo, 10,53% não concluíram o ensino superior, sendo o restante distribuído igualmente em ensino médio incompleto, pós-graduação *stricto sensu* e ensino fundamental completo.

Na Tabela 2 é feita a segregação das empresas de acordo com o setor de atividade em que elas se encontram.

Tabela 2 - Setor de Atividade e Conhecimento dos Indicadores Econômico-Financeiros

Informações		Dados	Em %
Setor de Atividade	Indústria	4	10,53%
	Comércio	11	28,95%
	Prestação de Serviços	21	55,26%
	Setor Educacional	1	2,63%
	Transporte	1	2,63%
	Total	38	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Em resumo, grande parte dos respondentes trabalham em empresas prestadoras de serviços, representando 55,26% dos 38 participantes. Logo depois, tem-se o setor de comércio com maior representatividade dentre os respondentes, isto é, 28,95%. Por fim, os setores de indústria, educacional e transportes apresentaram menor participação, sendo 10,53%, 2,63% e 2,63%, respectivamente.

4.2 Nível de Conhecimento e Aplicação dos Indicadores Econômico-Financeiros

Na Tabela 3 são expressos os seguintes aspectos: nível de conhecimento e aplicação dos indicadores econômico-financeiros apontados na percepção dos profissionais de gestão.

Tabela 3 - Nível de Conhecimento e Aplicação dos Indicadores Econômico-Financeiros

	Informações	Dados	Em %
Conhecimento de quais indicadores econômico-financeiros	Liquidez Imediata	19	50,00%
	Liquidez Corrente	11	28,95%
	Liquidez Seca	4	10,53%
	Liquidez Geral	18	47,37%
	Endividamento	18	47,37%
	Composição de Endividamento	7	18,42%
	Retorno sobre Investimento Total	16	42,11%
	Retorno sobre Patrimônio Líquido	9	23,68%
	Não conhece nenhum indicador econômico-financeiro	9	23,68%
Por qual meio obteve conhecimento sobre indicadores econômico-financeiros	Experiência de mercado	22	57,89%
	Serviços ofertados pelo escritório responsável pela contabilidade da minha empresa	5	13,16%
	Curso de graduação	7	18,42%
	Curso de pós-graduação / MBA	4	10,53%
	Cursos de especialização de curta duração	6	15,79%
	Não conhece nenhum indicador econômico-financeiro	9	23,68%
Nível de relevância dos indicadores econômico-financeiros para tomada de decisão	0	5	13,16%
	1	3	7,89%
	2	4	10,53%
	3	7	18,42%
	4	10	26,32%
	5	9	23,68%
Frequência da utilização dos indicadores econômico-financeiros para a tomada de decisões	Utiliza apenas quando solicitado pelos superiores	6	15,79%
	Aplica em todas as tomadas de decisões	10	26,32%
	Nos últimos dois anos, utilizei apenas uma vez	5	13,16%
	Não aplica os indicadores econômico-financeiros	12	31,58%
	É feita apenas uma avaliação superficial do mercado financeiro	1	2,63%
	São aplicados em algumas tomadas de decisões da empresa	1	2,63%
	Semestralmente	1	2,63%
	Estão sendo utilizados recentemente	1	2,63%
	Quem aplica é o proprietário da empresa	1	2,63%

Fonte: Elaborada pela autora

A presente pesquisa complementa o estudo realizado por Souza e Qualharini (2007) por adotar uma perspectiva mais prática em relação a gestão e planejamento empresarial nas micro e pequenas empresas. Além disso, tem-se um objetivo voltado mais para a compreensão do

conhecimento do profissional de gestão, do que a empresa em si, demonstrando uma percepção mais realista do cotidiano empresarial.

De acordo com a Tabela 3, observa-se que os respondentes afirmaram conhecer, em sua maioria, os indicadores de liquidez em geral e de endividamento, os quais, segundo Martins, Miranda e Diniz (2018), auxiliam em processos de gestão como: identificar a capacidade da empresa em suprir seus passivos, a melhor estruturação e captação de dívidas. Além disso, o retorno sobre investimento total representou 42,11% dos índices utilizados na tomada de decisão, o qual segundo Assaf Neto (2020), assiste na compreensão do ganho obtido sobre os recursos aplicados na empresa, proporcionando um *feedback* da rentabilidade de determinados investimentos.

Em relação ao meio por qual se obteve conhecimento dos indicadores econômico-financeiros, predomina-se a experiência de mercado com 57,89%, em virtude de possíveis necessidades durante a rotina empresarial. Logo, estima-se que tais necessidades reivindicam a aplicação e compreensão dos indicadores econômico-financeiros para a tomada de decisão.

Ademais, o resultado encontrado se assemelha ao da pesquisa de Santos *et al.* (2009), segundo o qual o escritório contábil é visto como uma das opções menos selecionadas, representando apenas 13,16%. A partir desse resultado, pode-se inferir que a não oferta de serviços acerca da análise de indicadores econômico-financeiros por parte dos escritórios contábeis pode contribuir para um descaso com a gestão nas micro e pequenas empresas.

Os resultados expressos na Tabela 3 espelham uma situação contrária a encontrada por Santos *et al.* (2009) no que diz respeito ao interesse dos respondentes em conhecer os instrumentos gerenciais, dentre eles os índices relacionados à análise das demonstrações contábeis e indicadores em geral. Na amostra, observa-se que vinte e seis profissionais consideram a aplicação desses instrumentos contábeis com relevância de nível 3 a 5, demonstrando um maior interesse por parte dos respondentes em conhecer e aplicar os indicadores. Entretanto, contrapondo com a frequência de aplicação, mesmo que a maioria considere relevante, apresenta-se 12 respondentes que não utilizam os indicadores econômico-financeiros na tomada de decisão.

Além disso, embora o número de respondentes que não aplica os indicadores seja mais relevante no quesito de frequência, nota-se que as demais opções de períodos, como aplicar em todas as decisões e quando os superiores solicitarem, apresentam significativa presença. Assim, deduz-se que a gestão das empresas que aplicam os indicadores tende a adotar uma contabilidade consultiva, defendida por Tisott *et al.* (2022) como processo de interpretação e análise descritiva dos números contábeis, contribuindo positivamente para a tomada de decisão.

Além de evitar cenários de falta de planejamento, prejuízos acumulados e alto endividamento como encontrados na pesquisa de Manoel, Matos e Nasu (2023), fatos que contribuem para a mortalidade das médias e pequenas empresas.

Dessa forma, os achados da pesquisa permitem examinar a percepção de um dos agentes, dentre as diferentes percepções de diferentes quanto a utilização da informação (Baron & Byrne, 1991). De maneira que existe todo um arcabouço teórico que aponta que os indicadores econômico-financeiros são importantes ferramentas gerenciais que auxiliam na gestão das organizações, porém, em contraponto na percepção dos gestores embora conheçam os indicadores, não os aplicam com frequência em sua gestão.

4.3 Utilização e Direcionamento dos Indicadores Econômico-Financeiros

Na Tabela 4, são demonstradas em quais decisões se utiliza os indicadores econômico-financeiros e quais indicadores são destinados a essas decisões.

Tabela 4 - Indicadores Utilizados e Tomada de Decisões

Tomada de Decisões	Dados	Em %
Captação de novas fontes de financiamento	12	31,58%
Expansões	13	34,21%
Planejamento de prazos ofertados pelos fornecedores	8	21,05%
Planejamento de prazos ofertados para os clientes	7	18,42%
Controle do fluxo de caixa	21	55,26%
Nenhuma	11	28,95%
Balança Mensal e Anual	1	2,63%
Captação de novas fontes de financiamento		
Endividamento	5	13,16%
Liquidez	5	13,16%
ROI	2	5,26%
Liquidez Geral	1	2,63%
Liquidez Corrente	1	2,63%
Expansões		
Liquidez	4	10,53%
Endividamento	4	10,53%
Lucratividade	2	5,26%
Rentabilidade	2	5,26%
Planejamento de prazos ofertados pelos fornecedores		
Liquidez	1	2,63%
Endividamento	2	5,26%
Liquidez Imediata	1	2,63%
Liquidez Geral	1	2,63%
Planejamento de prazos ofertados para os clientes		

Liquidez	2	5,26%
Endividamento	2	5,26%
Liquidez Geral	2	5,26%
Controle do fluxo de caixa		
Liquidez	2	5,26%
Liquidez Geral	2	5,26%
Endividamento	2	5,26%
Liquidez Imediata	1	2,63%

Fonte: Elaborada pela autora

Os dados da Tabela 4 permitem identificar que o controle de fluxo de caixa é a atividade mais realizada na rotina dos respondentes (55,26%), utilizando os índices de liquidez e de endividamento. Em sequência, tem – se as expansões (34,21%) e captação de novas fontes de financiamentos (31,58%), nas quais são aplicados, pelos profissionais, os indicadores de endividamento, liquidez, lucratividade e rentabilidade. Em comum com a pesquisa de Silva, Hora e Machado (2020), é perceptível que os indicadores de rentabilidade são utilizados na prática para determinadas tomadas de decisões, como captação de novas fontes de financiamento (5,26%) e expansões (10,52%).

A partir dos dados da Tabela 4, é possível afirmar que os respondentes em sua maioria utilizam os índices de endividamento e rentabilidade para atividades como captação de novos financiamentos e expansões. Esse fato pode amenizar o cenário encontrado no estudo de Manoel, Matos e Nasu (2023), onde as empresas se encontram endividadas e com prejuízos por não realizarem o acompanhamento desses indicadores periodicamente. Logo, infere-se que as MPEs analisadas na presente pesquisa por utilizarem os índices de endividamento e rentabilidade realizam uma tomada de decisão mais assertiva e em conformidade com a saúde da empresa.

Assim, a presente pesquisa complementa a pesquisa de Silva, Hora e Machado (2020), em relação a gama de indicadores utilizados, pois possibilita identificar que além dos índices de rentabilidade, há outros índices de grande importância na tomada de decisões. Na Tabela 4, nota-se que os índices de liquidez são escolhidos em grande parte das atividades de gestão presentes, predominando-se na captação de novas fontes de financiamento com 18,42% e no controle de caixa com 13,15%. Ademais, os índices de endividamento também se encontram na maioria das opções de tomada de decisão, de forma significativa em captação de novas fontes de financiamento (13,16%) e em expansões (10,53%). Foram descritos outros instrumentos contábeis utilizados na tomada de decisões, como faturamento, lucro, balanço, demonstração de resultado do exercício, margem líquida, custos fixos e variáveis.

Por fim, na Tabela 4, observa-se que onze respondentes (28,95%), não aplicam os indicadores econômico-financeiros em nenhuma tomada de decisão, logo entende-se que tais profissionais não praticam contabilidade gerencial na empresa. Assim, estão sujeitas a problemas de gerenciamento e planejamento, pois conforme Santos, Dorow e Beuren (2016), realizar a contabilidade gerencial é um aspecto indispensável para a fomentação do negócio. Logo, tais empresas podem atingir nível de insustentabilidade da atividade, tem sua operação encerrada, visto que segundo Guerra (2021), uma das causas de mortalidade de MPEs é a falta de gerenciamento e planejamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar a percepção dos profissionais de gestão de MPEs em relação à aplicação dos indicadores econômico-financeiros como ferramenta de gestão. Para tanto, foi aplicado um questionário, de forma virtual, para os profissionais de gestão das empresas selecionadas para a amostra do estudo.

Assim, a partir dos resultados encontrados, é possível afirmar que a maioria das micro e pequenas empresas são geridas por profissionais com conhecimento acerca dos indicadores econômico-financeiros, mas que não utilizam com tanta frequência em sua gestão. E, como fonte de conhecimento, a experiência de mercado se destaca frente ao escritório de contabilidade. Entretanto observou-se que alguns respondentes, mesmo possuindo o conhecimento acerca dessas ferramentas, não aplicavam na tomada de decisão empresarial, apenas 7,89% da amostra consultada.

Além disso, com as informações coletadas, infere-se que os indicadores econômico-financeiros com maior incidência na tomada de decisão são os de liquidez em geral, de endividamento e o retorno sobre o investimento. Logo, os poucos respondentes que utilizam os indicadores econômico-financeiros, afirmaram que aplicam, principalmente, em atividades como captação de novas fontes de financiamento, expansões e controle de fluxo de caixa.

A pesquisa contribui para que seja um indicativo de atenção em relação às informações gerenciais utilizadas na gestão de micro e pequenas empresas, incentivando a aplicação de indicadores econômico-financeiros, visando melhorar a gestão dessas empresas mitigando assim problemas de gestão e a mortalidade precoce desses empreendimentos. Além de reafirmar a ideia de aumento de portfólio dos serviços prestados pelos escritórios de contabilidade, junto a insistência na aplicação dos indicadores para o cliente, com intuito de criar uma vantagem competitiva no mercado e ao mesmo tempo, direcionar seus clientes para uma melhor tomada de decisão e, conseqüentemente, assegurar a longevidade do negócio.

Dentre as limitações da pesquisa, tem-se o fato da dificuldade de se conseguir uma amostra de micro e pequenas empresas ampla. Adicionalmente, destaca-se a falta de respostas após contato com empresas que inicialmente se apresentaram dispostas a responder o questionário, porém posteriormente não o fizeram.

A partir disso, como sugestões de pesquisas futuras instiga-se utilizar a metodologia de entrevistas presenciais, com roteiros semiestruturados, para que se compreenda ainda mais a percepção dos gestores de micro e pequenas empresas. Outra perspectiva que poderia ser

abordada em pesquisas futuras, seria analisar a percepção dos escritórios contábeis acerca do nível de conhecimento e aplicação dos gestores em relação aos indicadores econômico-financeiros, a fim de traçar um paralelo entre as percepções de quem elabora e quem utiliza as informações geradas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. D.; CORNACCHIONE JR., E. B.; CORNACCHIONE, L. R.; SUZART, J. A. da. Percepção dos impactos da adoção das IFRS na contabilidade de gerencial sob a ótica dos professores de programas de pós-graduação *stricto sensu* em contabilidade. **Revista Universo Contábil**, v. 10, n. 2, p. 105-124, 2014. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/universocontabil/article/view/4006>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ASSAF Neto, A. **Finanças corporativas e valor**. 8. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2020.

ASSUNÇÃO, R. R.; LUCA, M. M. M. de; VASCONCELOS, A. C. de; CARDOSO, V. I. da C. Os artefatos da contabilidade gerencial e o ciclo de vida organizacional. **ConTexto - Contabilidade em Texto**, v. 14, n. 28, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/40956>. Acesso em: 29 fev. 2024.

BRASIL. Lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis no 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei no 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar no 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis no 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 dez. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm. Acesso em: 29 fev. 2024.

CALLADO, A. A. C.; MELO, W. A. Ferramentas e informações gerenciais em micro e pequenas empresas. **RAUnP – Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**, v. 10, n. 3, p. 53-65, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21714/raunp.v10i3.1838>. Acesso em: 29 fev. 2024.

CREPALDI, S. A.; CREPALDI, G. S. **Contabilidade gerencial - Teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

FERNANDES, D. R. Uma contribuição sobre a construção de indicadores e sua importância para a gestão empresarial. **Revista da FAE**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/430>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GUERRA, A. C. Sebrae: Pequenos negócios têm maior taxa de mortalidade. **Agência Brasil**, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/sebrae-pequenos-negocios-tem-maior-taxa-de->

[mortalidade#:~:text=J%C3%A1%20as%20microempresas%20t%C3%AAm%20taxa,e%20ao%20conhecimento%20do%20ramo](#). Acesso em: 29 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo brasileiro de 2010**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 29 fev. 2024.

IUDÍCIBUS, S. de. **Contabilidade gerencial: Da teoria à prática**. 7. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2010.

IUDÍCIBUS, S. de. **Análise de balanços**. 11. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017.

MANOEL, D. P.; MATOS, E. B. S. de; NASU, V. H. Indicadores financeiros de Micro e Pequenas Empresas (MPes) do Distrito Federal (DF) por Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) no período de 2016 a 2021. **SINERGIA - Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas de Contábeis**, v. 27, n. 2, p. 137-153, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/2236-7608-v27n2-15311>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2022

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis**. 8. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2019.

MARTINS, E.; MIRANDA, G. J.; DINIZ, J. A. **Análise didática das demonstrações contábeis**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

ONozato, E.; JUNIOR, P. A. B.; GRECO, S. M. de S. S.; SOUZA, V. L. de. **Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

OYADOMARI, J. C. T.; NETO, O. R. de M.; DULTRA-DE-LIMA, R. G.; NISIYAMA, E. K.; AGUIAR, A. B. de; SANTOS-PEREIRA, D. dos. **Contabilidade gerencial: Ferramentas para melhoria de desempenho empresarial**. São Paulo: Grupo GEN, 2018.

PEREIRA, J. M. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Grupo GEN, 2016.

PEREIRA, J.; ARAUJO, J. M. de; FARIA, E. R. de; SANTOS, L. M. dos. Fatores determinantes para o risco de liquidez em micro e pequenas empresas da cidade de Viçosa-MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 14, n. 3, p. 73-89, 2020. Disponível em: <https://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/1375>. Acesso em: 29 fev. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SANTOS, L. M. dos; FERREIRA, M. A. M.; FARIA, E. R. de. Gestão financeira de curto prazo: Características, instrumentos e práticas adotadas por Micro e Pequenas Empresas. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 7, n. 3, p. 70-92, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273720558006.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SANTOS, V. dos; DOROW, D. R.; BEUREN, I. M. Práticas gerenciais de micro e pequenas empresas. **Revista Ambiente Contábil**, v. 8, n. 1, p. 153–186, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2016v8n1ID7271>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SANTOS, V. dos; RENGEL, S.; PATERNO, A. A. de P.; BEUREN, I. M. Instrumentos da contabilidade gerencial utilizados em micro e pequenas empresas comerciais e disponibilizados por empresas de serviços contábeis. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 8, n. 24, p. 41-58, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5454850>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). Dia da micro e pequena empresa evidencia a importância dos empreendedores para o Brasil. **Agência Sebrae de Notícias**. 2022. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/brasil-empendedor/dia-da-micro-e-pequena-empresa-evidencia-a-importancia-dos-empresarios-para-o-brasil/#:~:text=Em%20mais%20um%20Dia%20Nacional,5%20mil%C3%B5es%20de%20pequenos%20neg%C3%B3cios>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). (2013). **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa**. 6. ed. Brasília: Dieese. https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2013.pdf. Acesso em: 29 fev. 2024.

SILVA, C. N. da; HORA, V. B. da; MACHADO, V. M. Análise dos indicadores de rentabilidade e sua influência no crescimento de uma empresa simulada. **Revista Lagos**, v.

11, n. 1, p. 17-21, 2020. Disponível em:

<https://www.lagos.vr.uff.br/index.php/lagos/article/view/348>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SOUZA, W.; QUALHARINI, E. O planejamento estratégico nas micro e pequenas empresas.

In: III WORKSHOP GESTÃO INTEGRADA: RISCOS E DESAFIOS, 3, 2007, São Paulo.

Anais... São Paulo: Senac, 2007. Disponível em: <https://www.sp.senac.br/pdf/24848.pdf>.

Acesso em: 29 fev. 2024.

TISOTT, S. T.; LOSSAVARO, C. A.; FOLTRAN, S. L.; RIBEIRO, S. P.; ALBUQUERQUE,

A. F. A contabilidade consultiva como fator de sucesso das micro e pequenas

empresas. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 16, n. 1, p. 127-144, 2022.

<https://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/1621>